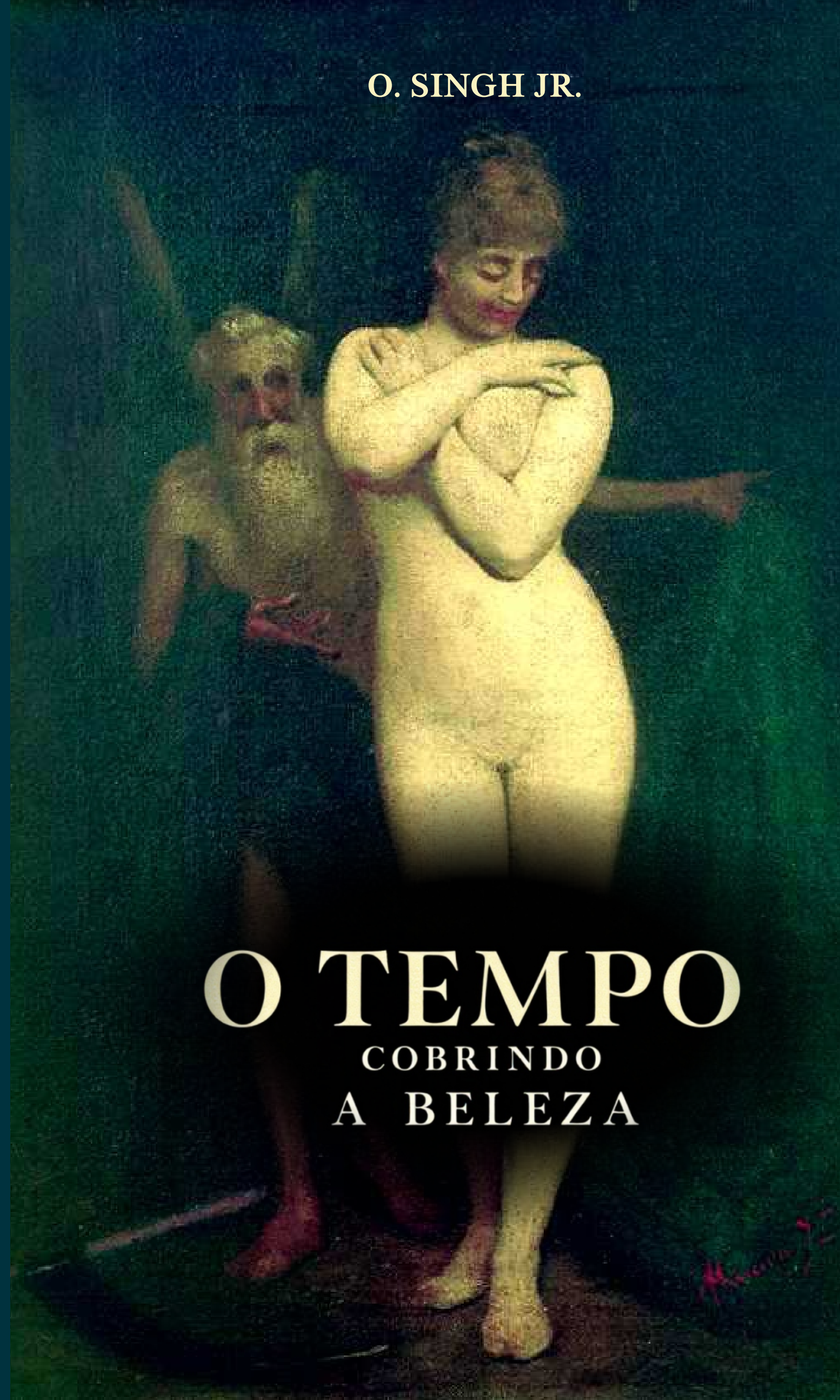


O. SINGH JR.



O TEMPO

COBRINDO
A BELEZA

O. SINGH JR.

O TEMPO

COBRINDO
A BELEZA

1ª Edição
2025



O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor. O uso de trechos da obra pode ser feito em trabalhos acadêmicos e/ou jornalísticos desde que citadas corretamente a fonte e autoria. Reprodução com fins comerciais proibida em quaisquer meios.

O tempo cobrindo a beleza

Oséas Singh Jr.

Capa

O Tempo Cobrindo a Beleza é o título original da pintura de Almeida Jr.

Publicação do livro digital



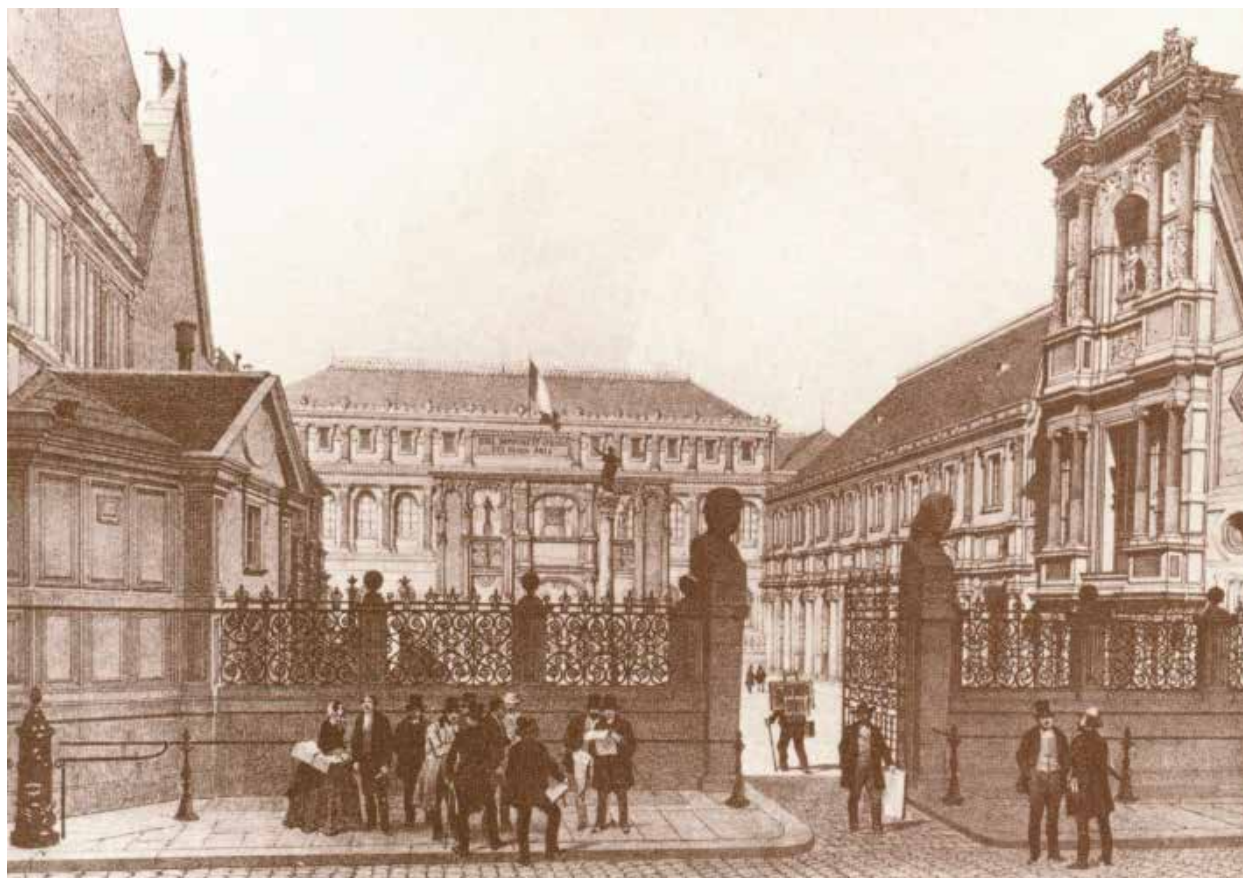
A editora completa

www.foxtablet.com.br

Livros, revistas, jornais, eBooks e eMagazines

contato@foxtablet.com.br

PARIS, MARÇO DE 1878



O pátio de l'Ecole des Beaux-Arts (século XIX), vista da rua Bonaparte.

Saiu da *St.Germain-des-Près*, a igreja mais antiga da cidade, e desceu a rua Bonaparte na direção do rio Sena. Almeida Jr. foi adiar o pagamento da promessa que fizera por ocasião do exame na Escola de Belas-Artes, onde conquistou uma cadeira no disputado curso de pintura e, por consequência, uma enorme dívida com Nossa Senhora da Candelária. Sua consciência também lhe cobrava um débito de gratidão para com seus protetores na distante cidade de Itu, e para com seu benfeitor, o imperador Dom Pedro II, o qual lhe destinara uma bolsa de 300 francos mensais. Mas não faltaria oportunidade para saldar todas as dívidas, pensava satisfeito.

O momento agora era outro. Um dia inesquecível. Estava ansioso com a expectativa de sua apresentação aos colegas no primeiro dia de aula. Parou diante do número 14 na rua Bonaparte e tomou coragem. Lá estava a soberana *Ecole des Beaux-Arts*. Insuflou o peito, corrigiu o paletó e ingressou no pátio com passadas firmes e orgulhosas, como se houvesse uma banda a dar-lhe felicitações pela chegada.

Olhando para o grandioso arco que decorava o centro do pátio, experimentou uma sensação extemporânea. Aquele arco, proveniente do *Château de Gaillon*, seria um divisor de águas em sua vida artística: “Quando eu o atravessar, minha obra estará dividida em duas fases: antes e depois de Paris”, pensou triunfante o jovem pintor. Estava a poucas semanas de completar 28 anos e o futuro se arquitetava ali, diante de seus olhos, num arco triunfal. A cada degrau que subia no acesso ao palácio dos estudos, a ansiedade aumentava. Deveria dirigir-se ao *massier*, um aluno veterano responsável por recolher a “massa”, o dinheiro para as necessidades do ateliê. Eleito por sufrágio universal, o *massier* era o líder do grupo e geralmente o mais espirituoso. Fazia o papel intermediário entre os alunos e a direção da escola, além de dirigir as tradicionais boas-vindas aos novatos.

Cruzando o palácio dos estudos, apresentou-se ao inspetor:

— Bom dia senhor, sou o novo aluno do ateliê do sr. Cabanel e devo dirigir-me ao *massier*.

O inspetor esboçou um riso incógnito e apontou na direção de um dos ateliês:

— O senhor o encontrará ali... será fácil reconhecê-lo, ele tem o nariz enorme.

Almeida Jr. espantou-se. Essa observação pouco lisonjeira e o meio-riso quase sarcástico não combinavam com os sentimentos elevados que ele experimentava naquele momento. Paris era o centro mundial da arte e aquela escola, o centro irradiador da pintura oficial; logo, o inspetor devia ser um homem despeitado.

Quando ingressou no ateliê de pintura o artista brasileiro experimentou outra sensação ainda menos provável. Inclinação no batente da porta, Medusa enamorava Narciso. Havia ainda uma dezena de modelos paramentados, que tagarelavam como se estivessem no mercado do Marais. Aqueciam-se, sentados em torno da estufa. Eram pessoas estranhas. A maledicência popular dizia que, quando alguém fracassava em alguma profissão ou não tinha nenhuma, tornava-se modelo. A arte emprestava-lhes um certo preconceito.

Almeida Jr. correu os olhos em torno da estufa e viu um apóstolo alisando as longas barbas com os dedos. Ao lado, Hamlet limpava as unhas com um cabo de pincel quebrado. Netuno cochilava, Júpiter fumava cachimbo e Afrodite tricoteava. Outros deuses papeavam e se aqueciam como podiam. Isolado num canto o filósofo Diógenes balançava sua lanterna apagada. Todos aguardavam a oportunidade de se exporem e talvez, se escolhidos, ganharem uma semana de soldos.

No centro do ateliê contrastava um silêncio relativo. Sobre a bancada uma bela jovem se expunha em atitude triunfal. Vestida com uma túnica, o tecido ondulava o belo corpo, as mãos levantadas sustentavam uma coroa de louros, dorso ereto, gestos dignos, olhar inundado de êxtase. Em torno da bancada

uns quarenta cavaletes e em cada qual um aluno se esforçando para assentar no papel a representação da vitória.

Almeida Junior trazia um pequeno estojo de pintura e uma incontornável timidez. Para não ser percebido, caminhava cuidadosamente à procura do *massier* narigudo. Antes que alcançasse o canto do ateliê, um grito o denunciou:

— Um novato!

Todos se voltaram para Almeida Jr. e rapidamente cercaram-no com cavaletes, como numa coreografia previamente ensaiada. O novato ficou paralisado. Tentando dissimular seu nervosismo, esboçou um sorriso amigável, logo desfeito pela enxurrada de indagações.

— Como se chama? De onde você vem? É rico ou é pobre? É do ateliê de Gérôme? De Cabanel? Ou de Lehmann? – perguntaram ao mesmo tempo e de todos os lados.

Envergonhado, balbuciou: - Almeida.

— Mais alto, novato! Abra a boca, não podemos escutá-lo.

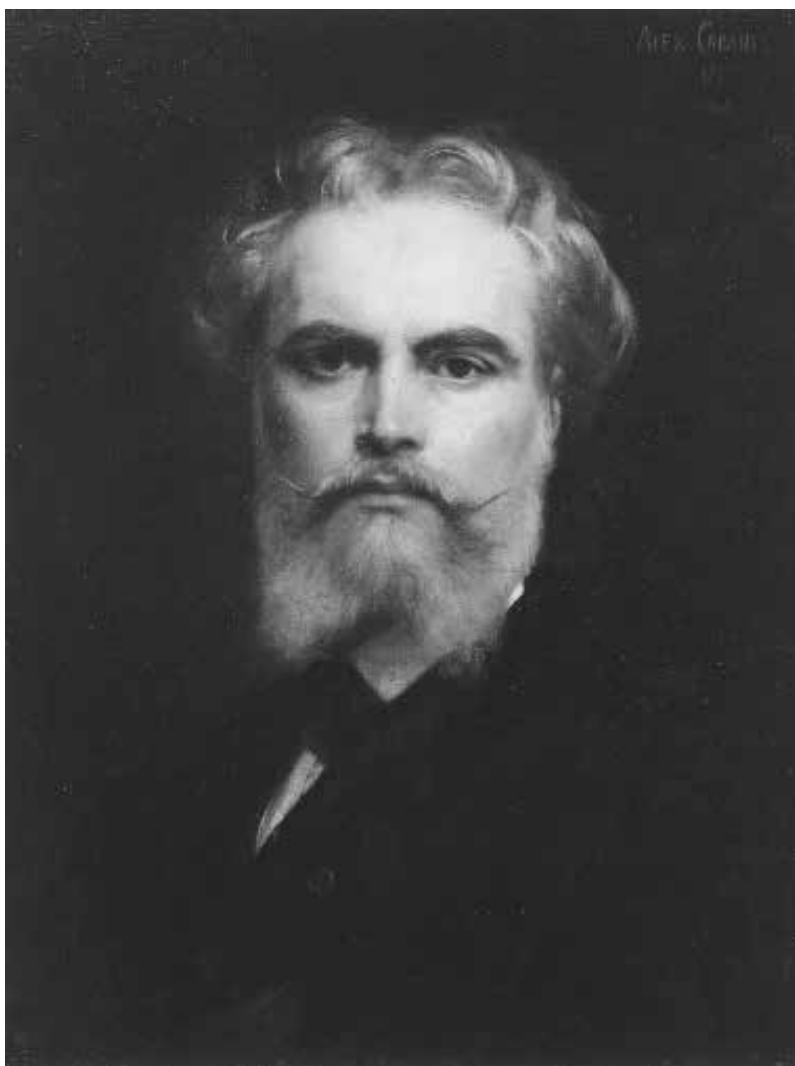
— Almeida! – repetiu, recebendo uma carga de vaias.

— Almeidá? – indagou um veterano assinalando a última vogal. – Isso lá é nome de gente? – explodiram em gargalhadas. – Almeidá? Onde diabos encontrou esse nome? – novas gargalhadas e a balbúrdia estava montada. Até os candidatos a deuses se acercaram da algazarra. Almeida Jr., que até então se imaginara no Olimpo da pintura, foi recepcionado como um desprezível

mortal. Já tinha ouvido falar das brincadeiras de mau gosto a que os novatos eram submetidos, principalmente na Sorbonne, onde eram chamados de “patetas”. Mas na *École des Beaux-Arts* deveria ser diferente, pensava ele. A instituição gozava de um prestígio mais distinto. Ali estavam os professores que organizavam o *Salon Officiel*, a mais valorizada exposição de arte do mundo.

Antes que o pobre novato sucumbisse à humilhação, o *massier* subiu numa banquetta e pediu silêncio. Com o cachimbo entre os dentes, bafou estas palavras:

- Eis aqui mais um novato! — saudou-o com seu nariz de duas polegadas.
- Vamos proceder sua recepção como manda a tradição artística.



Autoportrait de Alexandre Cabanel, o mestre de Almeida Jr. em Paris. Desempenhou importante papel na direção do Salon officiel, sob o segundo Império.

O *massier* livrou-se dos pincéis, da paleta, dispensou a modelo, pediu para que arrumassem uma cadeira para o novato, deu mais uma cachimbada e, limpando as mãos, dirigiu-se a um colega veterano.

— Senhor Frenólogo, queira por gentileza examinar detalhadamente as faculdades mentais deste novato e constatar se ele é digno de estar entre nós.

Com ar cerimonioso, o frenólogo arregaçou as mangas do avental branco e colocou-se atrás da cadeira onde Almeida Jr. estava sentado. Em seguida, começou a palpar-lhe a cabeça.

A frenologia era uma teoria já em descrédito, fundada pelo médico e anatomista alemão Franz Josef Gall, que acreditava ser possível estudar o caráter e as funções intelectuais humanas baseando-se na conformação do crânio.

— Magnífico! — exclamou o frenólogo improvisado. — Inacreditável! Que protuberâncias admiráveis. Aqui está, senhores, nestas simples saliências, o futuro da arte.

Os alunos, que até então vaiavam Almeida Jr., prorromperam em aplausos. O frenólogo, com os olhos arregalados e a fala pausada, prosseguiu o exame:

— Senhores! Estes relevos são admiráveis! Nunca em toda minha carreira de anatomista vi coisa igual. Relevos tão pronunciados. Vejam este sulco que corta toda a extensão do cérebro, da parte frontal à posterior, de um extremo a outro, uma extensão excepcional. Senhores, estou embevecido!

Sob mais aplausos, o frenólogo entusiasmou-se:

— Permitam-me profetizar que as obras de Delacroix ficarão pálidas diante das que pinta o dono deste jovem cérebro. Está tudo descrito aqui nestas conformações cranianas. Apalpem, senhores, sintam com suas próprias mãos este calombo ao pé da nuca e verão que eu não exagero. Este novato é um dromedário do colorido. Venham apalpá-lo senhores, confirmem com suas próprias mãos.

Iniciou-se então uma marcha de suplícios. Os veteranos fizeram fila para examinar a cabeça de Almeida Jr. E sob o pretexto de examiná-lo, puxaram-lhe as orelhas, os cabelos, torceram-lhe o pescoço. Todos mostravam-se admirados com os assombrosos relevos.

— E os desenhos? — perguntou o *massier* ao frenólogo. — Há também algum relevo que indique algo sobre suas habilidades com os traços?

Imperturbável, o frenólogo retomou a exploração anatômica com seus dedos grossos e cheios de tinta.

— Maravilhoso! Senhores, há aqui um outro relevo ainda maior. Surpreendente! Vejam este relevo é o desenho da colina de Montmartre, parece a própria colina dos artistas. Senhores, lembrem-se da minha profecia: este gênio da arte não terá rival. Mesmo o grande Ingres, comparado a este novato, não será mais que um pincelador. O coro cabeludo dele é a própria composição de uma obra de arte. Há alguns piolhos, é verdade, mas de maneira geral não prejudicam os traços... ao contrário, eles parecem estar munidos de pinceis e dão um certo movimento à composição. Vocês compreendem a complexidade deste fenômeno? Pois então aplaudam senhores, é um momento histórico.

O frenólogo fez uma pausa para os vivas e para um gole de água. O *massier*, percebendo que a criatividade e os adjetivos do anatomista estavam se esgotando, perguntou:

— E a imaginação, há algum fundamento sobre a imaginação deste gênio?

— Vejamos se há mais algum relevo e.... aqui está! Eis aqui, senhores! — dando um tapa na cabeça de Almeida Jr. Ele é completo, completíssimo! Tem todas as qualidades das belas-artes. Aqui está, sobre o miolo mole, no centro do crânio, a protuberância da imaginação. Esta ondulação é em si mesma a própria imaginação. Vejam, após a estreia deste novato no *Salon*, Doré e Kaulbach se tornarão monótonos. Será uma nova referência... inenarrável! Julguem vocês mesmos. Aproximem-se senhores, aproximem-se.... tomem este fenômeno em suas mãos.

Mais uma vez os veteranos se enfileiraram para examinar a cabeça do novato. Em meio à tempestade de zombaria, Almeida Jr. procurou fazer boa figura, manteve-se passivo. Seu martírio prolongou-se por alguns minutos até que o *massier* sentenciou:

— Basta!.... Já chega senhores, já examinamos o bastante.

Antes que o novato suspirasse de alívio, o *massier* ordenou-lhe que tirasse a roupa e subisse na mesa do modelo. Contrafeito, não ousou resistir, fora prevenido que qualquer oposição lhe custaria um banho de tinta azul da Prússia.

— Toda a roupa - ordenou o *massier*. Alguém lhe dê um haltere para exhibir sua anatomia muscular.

Almeida Jr. desnudou-se cabisbaixo. Sentiu-se ridículo exibindo o corpo magro e curvado. Tinha poucos pelos para se orgulhar. Nessa circunstância era um autômato que sustentava o peso do haltere. Tremia mais pela vergonha que pelo frio. Parecia não responder mais aos sentidos, momentaneamente perdera o orgulho.

— Você é muito feio! — gritou um veterano e as vaías ressurgiram.

— Vista-se depressa!

— Ele parece sifilítico, mandem-no ao *Saint-Lazare*.

— Feio!

— Nossos olhos estão doendo.

— Vista-se! Fora!

— Eis aqui o filhote do Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame! — e o ateliê voltou a gargalhar.

Como um condenado que fora absolvido na última hora, Almeida Jr. apanhou a roupa e desceu do cadafalso, com os olhos envidraçados. Antes que pudesse abotoar a camisa, o *massier* amarrou suas mãos nas costas e explicou:

— Agora vamos testar sua força moral. Imagine se nosso ateliê for invadido por bárbaros impressionistas; como saberemos se você terá força moral para não nos envergonhar? Preparem o ferro vermelho! — gritou.

— Não, não! — dramatizou um veterano. O ferro vermelho não! Seja piedoso. Poupe-o desta prova, ele não a suportará.

— Nada de piedade — afirmou o *massier*. Todos aqui passaram por esta prova e com ele não será diferente. Caso não suporte a dor será uma demonstração que não está preparado para estar entre nós e que não tem força moral para defender este ateliê. Todos nós temos a marca. Mostre a sua para o novato.

Sem compreender nada, Almeida Jr. viu o veterano que lhe pedira piedade arregaçar a manga do avental e exhibir uma cicatriz medonha. Quando o conduziram próximo à estufa ele pressentiu o pior. Teria a marca da arte em sua pele. Um aluno pegou o atizador de brasas, com a ponta incandescente, e o novato estremeceu. Compreendeu então o que era a prova do ferro vermelho. Uma confusão mental tomou conta do seu espírito. “Cristo! Que pecado eu cometi para sofrer isso?” - indagou a si próprio. Após fazer um rápido exame de consciência os pecados vieram aos borbotões. Resignado, seus olhos umedeceram. Uma centelha do carvão acendeu uma lembrança da infância: o dia em que presenciou a marcação, com ferro em brasa, de um escravo fugitivo. “Preto fujão a gente queima na cara” – foram as palavras do capitão-do-mato. Em seguida o grito de dor, vindo do intestino. Apesar de muito criança, Almeida Jr. jamais se esquecera da cena, cujo grito ecoava na sua cabeça. Viu-se arremessado no inferno do medo. Transpirava frio e começou a delirar: “Calma, na pior das hipóteses será apenas uma queimadura. Tudo terminará bem, calma”.

Comprimiu as mãos amarradas e mentalmente começou a rezar. A imagem de seus pais veio do outro lado do oceano. Os veteranos formaram uma roda, como um ritual satânico, e assistiam satisfeitos a angústia do novato.

Repentinamente, recordou-se da promessa que fizera a Nossa Senhora da Candelária e em pensamento ardoroso rogou aos céus: “Piedade, minha Santa! Vou cumprir minha promessa o quanto antes, piedade!” – olhou para o lado e o carrasco narigudo, com o atizador em brasas nas mãos, envergava um olhar psicopata. Essa foi a última imagem que viu.

— Cubram-lhe os olhos, ordenou o *massier*. - Ele parece muito fraco. Acho que não vai suportar a cena do fogo comendo-lhe a carne.

Vedaram-lhe os olhos e por alguns segundos fizeram um silêncio enlouquecedor. O coração pulava-lhe no peito. “Mil maldições” – pensou. As pernas bambearam e um calor emergiu das trevas. Deu o último suspiro quando o ferro em brasa lhe tocou o nariz... o coração parecia ter parado bruscamente. Uma sensação estranha, gelada. Tiraram rapidamente a venda de seus olhos e todos riram do espanto do novato que, desajeitado, esfregava o nariz no ombro. O vermelho, na ponta do ferro, era uma pintura.



Almeida Jr. (1874), antes de partir para a França. Fotografia Lopes, Rua do Hospício – RJ.

Antes que Almeida Jr. se desse conta do ocorrido, o *massier* desatou-lhe as mãos e iniciou um discurso consolador:

— Todos nós passamos por essas provas a que submetemos você. Muitos choraram de medo. Houve até mesmo camaradas que molharam as calças. É uma tradição de longa data. Portanto, amigo, não guarde ressentimentos. Guarde apenas segredo do que aqui se passou para que os futuros colegas sintam as mesmas emoções que todos nós sentimos. E qual é a importância dessas emoções? Sabemos que a vida do artista é cheia de obstáculos. O mais novo é a máquina fotográfica que promete milagres aos leigos da arte. A ignorância tem pernas mais longas que a sensibilidade. Há pessoas que veem mais vantagens no preto-e-branco do fotógrafo Disdéri do que nos retratos coloridos que pintamos. Preferem pagar 25 francos num lote de retratos a incentivar a verdadeira arte do retrato que herdamos dos grandes mestres. A passos largos o exército da ignorância aumenta dia a dia. Assim, cada vez mais a glória é para poucos e cada vez menos o reconhecimento é para muitos. Os novatos que ingressam nesta Escola são entusiastas, têm a ilusão que estas paredes lhe renderão fama. Ledo engano! A maioria de nós pintará quadros diluindo tintas com suor e não raro alguns desses quadros poderão tornar-se moedas de dívidas. Haverá entre nós pincéis que para sobreviverem se acomodarão aos caprichos e fantasias dos clientes. Enfim, sabemos que nosso trabalho nem sempre é reconhecido. Por isso submetemos os novatos a provas tão cruéis, para que eles se habituem às dificuldades da vida artística. E, também, para mantermos a tradição e nos divertirmos. Agora que já falei por duas bocas, vamos concluir sua iniciação. Resta uma fase, ou duas, dependendo da inteligência de sua resposta. Suba aqui.

Anestesiado, Almeida Jr. subiu numa banquetta. No canto do ateliê avistou o busto do professor Gérôme e desejou que a estátua fosse o próprio personagem, e que viesse em seu auxílio. O *massier* prosseguiu:

— Na conclusão das boas-vindas, os novatos costumam pagar bebidas e cigarros para os veteranos, é uma tradição. Você é rico ou é pobre?

— Pobre... — respondeu sem orgulho e sob vaias.

— Neste caso as coisas se tornarão mais difíceis para você. Cante a Marselhesa.

— Eu não sei cantá-la — mentiu Almeida Jr., novamente sob vaias.

— Silêncio! — gritou o *massier*. Bem, se não sabe cantá-la, então assoviaremos e você irá dançá-la.

Os veteranos começaram a assobiar a *Marsellaise* e Almeida Jr. ficou parado, como o pilar que sustenta o prédio.

— Então não quer cantar, nem dançar? — indagou o *massier* com voz ameaçadora. Pretende nos desafiar?

— Talvez eu possa executá-la no piano... - gaguejou o novato.

— Ah... o bom selvagem quer executar o hino nacional francês no piano? E será com as mãos ou vai usar também os pés?

A cada blague do *massier* os alunos respondiam com vaias e gargalhadas.

— Ora, meu bom selvagem, não estamos num sarau para você mostrar suas habilidades ao piano. E pelo desafinado da sua voz, já percebi que você é inimigo da música. Além do mais, aqui é uma academia de belas artes plásticas e não um conservatório musical. Portanto, trataremos só de pintura.

Voltando-se para um colega o *massier* pediu uma paleta cheia de tinta e retomou o humor ácido:

— Talvez você ainda não tenha percebido, mas o seu anjo-da-guarda está em férias. Sendo assim, vou lhe dar mais uma oportunidade. Mas pense bem antes de responder. Observe quanta tinta há sobre esta paleta e infelizmente não temos como devolvê-la ao tubo. Pense bem, use a inteligência que está guardada aí no seu bolso.

Na porta do ateliê o inspetor assistia a tudo com o mesmo meio-riso-quase-sarcástico que recepcionava os novatos.

— Você é rico ou é pobre? – perguntou novamente o *massier*.

— Acho que sou rico.... – respondeu titubeante Almeida Jr. e todos aplaudiram.

— Ele é o gênio do Novo Mundo! Muito inteligente! – exclamaram uns e outros.

Após uma chuva de saudações, boinas e chapéus, iniciaram a marcha do vinho, uma enorme fila com o novato à frente. Meteram-lhe na cabeça um capacete romano e nas mãos a lanterna de Diógenes. Ao sinal do *massier* entoaram a canção de belas-artes:

Tsim la boum la boum tralalalalère

Tsim la boum la boum tralalalalère

On nos raconte dans l'histoire

Que les Romains et les Gaulois

Ces fils chéris de la victoire

Portaient des casques autrefois

Le casque est donc un héritage

De tous ces valeureux guerriers

E si nous l'avons en partage

C'est que nous sommes pompiers

Comme eux

Un casque est une coiffure

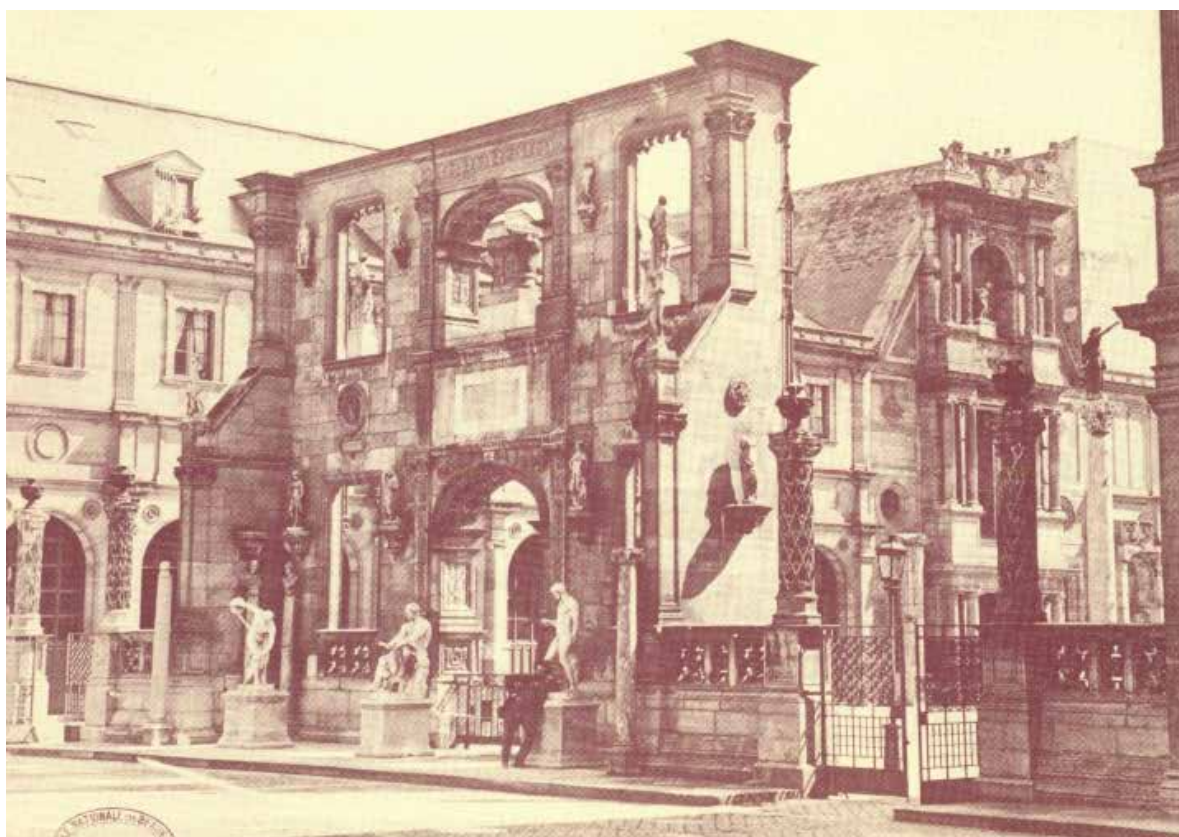
Qui sied à leur figure.

(...) Et chacun dit les voyant :

« Ah qu'ils sont beaux avec leurs casques »

Ça leur donne un petit air épatant, tant, tant

épatant, tant, tant



*Arc de Gaillon, na Escola de Belas-Artes.
O arco não existe mais, foi destruído pela ação do tempo.*

A marcha do vinho desceu a escadaria do palácio dos estudos, passou sob o arco do *Château de Gaillon* e Almeida Jr. pensou o quanto fora presunçoso ao imaginá-lo como um divisor de águas em sua vida artística. Diante das circunstâncias o arco tornara-se ainda mais grandioso. Sob o céu cinzento e deprimido a marcha prosseguiu pátio afora, subindo a rua Bonaparte em direção à loja de bebidas. Somavam mais de vinte, sempre cantando e atraindo a atenção de todos que por eles passavam.

Os alunos gozavam de muita liberdade. Apenas dois dias eram silenciosos na semana, a sexta-feira e o sábado, quando os patronos dos ateliês iam corrigir os estudos de composição ou figuras sugeridos na semana anterior. O período de trabalho mais intenso era o dos concursos. Valorizava-se sobremaneira os prêmios, as medalhas. Nestas ocasiões os alunos se enclausuravam por três dias diante de seus quadros. As boas-vindas aos novatos era a oportunidade

para romper com a monotonia dos *loges*, os gabinetes de pinturas. Um pretexto para exaltar as virtudes do riso e a pretensa virilidade do vinho.

Bebeu-se muito. Duas horas depois de iniciada a marcha estavam todos bêbados e o novato endividado. Com a fala amolecida e escorando-se em um barril, o *massier* tentou retomar a liderança:

— Senhores, é com grande satisfação que eu declaro o camarada Almeidá um bom camarada.... quero dizer, um camarada dos nossos... dos bons.

Por fim, elevou o copo e bradou:

— À glória do camarada Almeidá!

Todos saudaram-no. Entusiasmo e indiferença beberam no mesmo copo. Quando não havia mais garrafas a esvaziar, alguém lembrou ao novato que Diógenes habitou um tonel vazio e que sua filosofia, adaptada para a ocasião, era mais ou menos a necessidade de desprezar os bens materiais. Fumaram suas poucas moedas que restaram. Depois veio o silêncio pesado de fim de festa. Como se não houvesse mais nada a ser dito, o *massier* arrastou um olhar para Almeida Jr. e perguntou:

— Veio da América Meridional, não é mesmo? Se veio do meio da selva, como começou a pintar? Vamos, suba no tonel e conte-nos sua história.

ITU, DEZEMBRO DE 1864

O retratista de defuntos. Continua...



SOBRE O AUTOR



Foto: Arquivo pessoal, Paris, 1999.

Oséas Singh Jr. é escritor, jornalista, Mestre em História da Arte e da Cultura pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, autor de *Adeus Cinema – Vida e Obra de Anselmo Duarte – Ator e Cineasta mais premiado do Cinema Brasileiro* (Editora Massao Ohno - 1993); *A Vaca que cantava ópera – Teatro* (2001 - Unième Editora); *Partida da Monção - Tema Histórico em Almeida Júnior* (2004 – Editora da Unicamp); *Banal Apocalypse* (2021 – English Edition - Dystopy), top 8 de lançamento em língua inglesa, entre os mais vendidos de Ficção Científica da Amazon Kindle; *Auto da Santa Feia – Teatro* (2025 – no prelo).

REFERÊNCIAS

Na segunda metade do século XIX, a história da arte brasileira foi marcada por inúmeras obras que ajudaram a construir a identidade nacional. Como ensinara o Papa Gregório Magno, numa época de pouca escolaridade, “a pintura pode fazer pelo analfabeto o que a escrita faz pelos que podem ler”. Nesse sentido, o pintor Almeida Júnior foi um fundador de discursividade, introduzindo no centro do universo pictórico brasileiro a figura do próprio brasileiro, que anteriormente era representado por modelos europeus. *Avant la lettre*, o artista ituano, em sua fase regionalista e clareamento da paleta, é considerado precursor do movimento Modernista brasileiro.

Contudo, poucos sabem que, no calendário comemorativo brasileiro, o Dia do Artista Plástico é comemorado em 8 de maio, em alusão ao nascimento do artista plástico ituano Almeida Júnior. Mas o que há de especial nesse artista para representar todos os grandes nomes das artes plásticas brasileiras?

Há uma dissertação de mestrado, *Partida da Monção - Tema Histórico em Almeida Júnior*, aprovada com “Distinção e Louvor” e publicada em 2004, que detalha em várias dimensões a importância da obra e a cronologia desse artista, além de desfazer mitos e equívocos sobre sua trajetória. Esse trabalho pode ser consultado nas bibliotecas da Unicamp e da USP.

Anteriormente a esse trabalho, em julho de 1999, fui recebido com grande cordialidade na histórica *École des Beaux-Arts*. Os documentos referentes à estada

parisiense de Almeida Junior foram pesquisados no *Centre d'accueil et de recherche des Archives Nationales*. Sou grato a todos os funcionários daquela instituição que facilitaram meu trabalho. Essa pesquisa ramificou-se no convite para a pós-graduação em História da Arte e da Cultura da Unicamp, na contribuição para a novela “Terra Nostra”, da Rede Globo, e no presente texto.

Nesta novela, algumas obras foram fundamentais para recriar a atmosfera de época. São elas: *Les Eleves Americains Peitres et Sculpteurs (A L'Ecole des Beaux-Arts dans la deuxieme moitie du XIXe siècle)*, Philippe Grunhec, in: *Voyage de Paris - Les americains dans les ecoles d'art (1868-1918)*. Réunion des musées nationaux, Paris, 1990; *L'Ecole des Beaux-Arts du XIXe siècle – Les Pompiers*, Editions Mayer, Paris, 1897; *Dictionnaire historique des rues de Paris*, Jacques Hillairet, 1963; *L'Ecole des Beaux-Arts dessinée et racontée par un élève*, A. Lemaistre, Paris, 1889; *Archives nationales Section du XIXème* (arquivados sob a sigla AJ52: registre d'inscription des élèves; matricule, lettres de présentation d'étrangers par leurs ambassades, donnant l'état civil de l'élève, l'indication de as qualification, la mention de son professeur chef d'atelier à l'École, mesures disciplinaires), inventaire par Brigitte Labat-Poussin, conservateur aux Archives nationales, Paris, 1978; *Archives de L'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, sous-séries AJ52 et AJ53; *Reglement de l'École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts*, Paris, 1879; *História da Vida Privada*, vol. 4, *Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, Philippe Ariès e Georges Duby, organizado por Michelle Perrot; *Paris Boêmia – cultura, política e os limites da vida burguesa – 1830/1930*, Jerrold Seigel, 1992; *Journal – Mémoires de la vie littéraire II – 1866/1886*, Edmond et Jules de Goncourt, Paris, 1956; *Catálogo de exposição do Dahesh Museum: Training na Artist: Alexandre Cabanel and the Academic Process in the 19th Century French Art*, New York, 1998.